

Coparentalidade aos três meses de vida do bebê



Vitória Santos Arenhart
Orientador: Cesar Augusto Piccinini
UFRGS

INTRODUÇÃO

Coparentalidade se refere ao modo como as figuras parentais coordenam e se apoiam no processo de cuidar e de educar os filhos (Feinberg, 2003). Sabe-se que a relação coparental sofre transformações ao longo do tempo. Nos primeiros meses de vida, o foco da relação coparental está nos cuidados necessários para manter o bebê seguro (Christopher et al., 2015). Feinberg (2003) propôs quatro dimensões da coparentalidade: (1) *acordo nos cuidados da criança*; (2) *divisão de trabalho parental*; (3) *apoio versus depreciação coparental*; (4) *gerenciamento das interações familiares*.

OBJETIVO

Investigar as concepções maternas e paternas acerca da coparentalidade aos três meses de vida do bebê, com base nas dimensões propostas por Feinberg (2003).

MÉTODO

Participantes: 26 famílias nucleares e primíparas; filho(a) com três meses de idade. Todos participantes do “*Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à Escola, 1998-2012/ELPA*” (Piccinini et al., 1998)

Instrumentos:

- *Entrevista de dados demográficos do casal* (GIDEP, 1998);
- *Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê no primeiro trimestre* (Piccinini et al., 1999a);
- *Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê no primeiro trimestre* (Piccinini et al., 1999b).

Análise de dados: Análise de conteúdo qualitativa (Laville & Dionne, 1999); categorias baseadas em Feinberg (2003).

RESULTADOS

- **Acordo nos cuidados da criança:** Refere-se ao grau em que os pais concordam sobre aspectos relacionados aos cuidados da criança. A maioria dos cônjuges revelaram bons níveis de acordo quanto aos cuidados.
“A gente estipulou assim, se ela tá no carrinho e tá bem, não tá chorando, a gente deixa, porque depois se ela pega aquela mania de colo, só vai querer colo, daí fica complicado” (M6).
“Eu e a (mãe) conversamos (...) quando a (filha) estiver chorando, alguém tem que parar e dar atenção pra ela, porque a criança precisa de nós” (P3).
“A gente não gostaria de envolver os avós no cuidado, a princípio nós vamos colocar ela em uma creche” (P14).
- **Divisão de trabalho parental:** Refere-se à distribuição de deveres e responsabilidades envolvendo a rotina diária de cuidados à criança e as tarefas domésticas. Na verdade, a maior parte dos cuidados do bebê e das tarefas domésticas estava sob a responsabilidade da mãe. Em alguns casos, pai e/ou mãe demonstraram insatisfação quanto à divisão; em outros casos, ambos se mostraram satisfeitos. Algumas mães pareceram estimular envolvimento paterno, ao passo que outras não. Constatou-se diferenças de cuidado paterno entre meninas e meninos, sendo que pais de meninas pareceram se envolver menos em tarefas de cuidado direto do bebê.
“Tudo comigo. Dou banho nele, lavo roupa, cuida dele. De vez em quando eu me sinto cansada, mas eu gosto” (M26).
“Eu só esperava que o (pai) participasse mais dos cuidados, mas ele não toma iniciativa.” (M13).
“Não troco fralda. Se fosse menino eu trocava, mas menina é diferente. Banho eu também nunca dei, não gosto de ficar limpando, tocando” (P2).
“Eu não consigo ficar muito tempo cuidando do nenê porque, se eu tô cuidando dele, em seguida a (mãe) pega o nenê pra ela cuidar” (P4).

- **Apoio versus depreciação coparental:** refere-se a quanto cada genitor do subsistema coparental apoia e valoriza o outro, ou ainda o quanto usa de hostilidade e competitividade para desvalorizar o parceiro. Na maior parte das famílias, mãe e pai demonstraram bons níveis de apoio coparental. Entretanto, em alguns casos, constatou-se certo nível de depreciação materna em relação à contribuição paterna.
“O (pai) sempre diz que ele é um desajeitado pra cuidar, mas eu digo que não, que aos poucos ele vai aprendendo” (M9).
“A (mãe) tem muito jeito com a maternidade. Uma pessoa calma, tranquila” (P22).
“Por mais que o (pai) tente me ajudar, ela quer é ficar comigo. Quando ela tá irritada e ela quer dormir, não adianta, tem que ser eu” (M2).
- **Gerenciamento das interações familiares:** engloba comportamento interparental, fronteiras relacionais na família e equilíbrio coparental no envolvimento triádico. As famílias pareceram utilizar estratégias construtivas de resolução de conflitos, estabelecendo fronteiras nítidas. Certas famílias também apresentaram engajamento e equilíbrio no envolvimento triádico.
“Quando eu tô estressado, eu digo ‘ó (mãe), pega’, e ela faz a mesma coisa quando tá estressada. A gente faz esse revezamento” (P7).
“Quando ela chora, minha cabeça lateja, eu só tenho vontade de largar ela. Daí, muitas vezes é o (pai) que acalma. Ele tá de fora da situação, acho que é melhor assim” (M6).
“A gente procura não gritar, não brigar na frente dela, falar bem baixo, com calma” (M18).
“A gente dá banho juntos no (filho), então é um momento a três, assim, bem de família, e ele adora, ele olha pro pai dele, olha pra mim” (M10).

DISCUSSÃO

- Analisados em conjunto, os resultados sugerem uma boa relação coparental aos três meses de vida do bebê na amostra investigada;
- Contudo, discordâncias podem surgir com o passar do tempo, à medida que o foco da relação coparental se torna mais orientado à socialização da criança (Christopher et al., 2015);
- Frequentes queixas de sobrecarga materna e redução da satisfação da mulher com a relação familiar, o que corrobora a literatura (Yavorsky et al., 2015);
- Crenças maternas mais tradicionais sobre papéis de gênero podem estar associadas ao menor encorajamento, pela mãe, do envolvimento do pai (Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013);
- Diferenças do envolvimento paterno em relação ao gênero também foram evidenciadas em outros estudos (Flouri & Buchanan, 2003), no sentido de que a figura paterna parece mais envolvida nos cuidados de crianças do sexo masculino.

*Christopher, C., Umehara, T., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital quality over the transition to parenthood as a predictor of coparenting. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3636-3651. *Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131. *Flouri, E. & Buchanan, A. (2003). What predicts fathers' involvement with their children? A prospective study of intact families. *British Journal of Developmental Psychology*, 21, 81-98. *GIDEP (1998). *Entrevista de dados demográficos do casal*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. Instrumento não publicado. *Laville, C. Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. Belo Horizonte: UFMG. *Piccinini, C. A., Tudge, J., Lopes, R. C. S., & Sperb, T. (1998). Estudo longitudinal de porto alegre: da gestação à escola. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Projeto de pesquisa não publicado. Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Averbuch, A. R., Castoldi, L., Correa, C., Gianlupi, A. G., Levandowshi, D. C. & Ribeiro, L. S. (1999a). *Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê no primeiro trimestre*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. Instrumento não publicado. *Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Averbuch, A. R., Castoldi, L., Correa, C., Gianlupi, A. G., Levandowshi, D. C. & Ribeiro, L. S. (1999b). *Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê no primeiro trimestre*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. Instrumento não publicado. *SchoppeSullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early coparenting behavior at the transition to parenthood. *Social Development*, 22(2), 363-383. *Yavorsky, J. E., Dush, C. M. K., & SchoppeSullivan, S. J. (2015). The production of inequality: The gender division of labor across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 77(3), 662-679.